

UMA ABORDAGEM DA SANTIFICAÇÃO DO FEMININO EM FACE DA EDUCAÇÃO NO CARIRI CEARENSE

*Polliana de Luna Nunes Barreto¹
Patrícia Helena Carvalho Holanda²*

Resumo

Tratamos das representações sociais tendo como recorte o gênero em face da perspectiva educacional. Enfocamos, de modo particular, a relação entre a constituição dos cenários educacionais e a elaboração de práticas discursivas em torno da função de gênero amplamente disseminada na modernidade. A discussão empreendida reflete acerca dos percursos construídos historicamente para a constituição das representações do feminino, tendo como objeto de análise as dinâmicas educacionais entrelaçadas ao fenômeno de santificação popular de mulheres na região do Cariri cearense. Na primeira seção expomos a atualidade da violência contra o feminino naquele território. Seguimos ressaltando os aspectos educacionais que compõem a História da Educação caririense de modo concatenado à religiosidade daquele lugar e estabelecemos, por fim, considerações acerca da relação entre os modelos educacionais propagados na modernidade e localizados naquele território, a violência de gênero e as práticas que se voltam para a santificação do feminino na contemporaneidade. A abordagem qualitativa se ancora na produção teórica concernente ao campo da História Cultural. Não parece coincidência que a região do Cariri cearense mate e santifique suas mulheres em igual medida. Historicamente, o território elabora um culto às mulheres assassinadas por seus companheiros, construindo com a violência do feminino uma relação metafísica.

Palavras-chave: Educação. Gênero. Santidade.



¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Docente do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Cariri. polliana.luna@ufca.edu.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Pós-doutora em Desenvolvimento Profissional Docente pela Universidade de Lisboa. Docente da Faculdade de Educação (UFC). prof.patriciaholanda@gmail.com

THE SANCTIFICATION OF FEMININE IN RELATION THE EDUCATION IN THE CARIRI

Abstract: We deal with the social representations having as it cuts the Gender in face of the educational perspective. We focus in particular the relation between the constitution of the educational settings and the elaboration of discursive practices around the widespread Gender function in Modernity. The discussion reflects on the paths historically constructed for the constitution of women's representations, having as object of analysis the educational dynamics intertwined with the phenomenon of popular sanctification of women in the Cariri region of Ceará. In the first section we present the current violence against women in that territory. Then we emphasize the educational aspects that make up the history of Caririense Education concatenated with the religiosity of that place. Finally, we consider the relationship between the educational models propagated in modernity and located in that territory, gender violence and practices that focus on the sanctification of the feminine in contemporary times. Historically the territory elaborates a cult to the women assassinated for husbands, constructing with the violence of feminine a Metaphysical relation.

Key-word: Education. Gender. Sanctity.

LA SANTIFICACIÓN DE FEMENINO EN RELACIÓN LA EDUCACIÓN EN EL CARIRI

Resumen: Nos ocupamos de las representaciones sociales acerca del género en la perspectiva educativa. Enfocamos particularmente manera que la relación incorpora la constitución de las escenas educativas y La elaboración de prácticas discursivas en torno a la función generalizada de género en la modernidad. La discusión reflexiona sobre los caminos históricamente construidos para la constitución de representaciones de mujeres, teniendo como objeto de análisis la dinámica educativa entrelazada con el fenómeno de la santificación popular de las mujeres en la región de Cariri en Ceará. En la primera sección exhibimos la actualidad de la violencia contra la femenina en ese territorio. Luego enfatizamos los aspectos educativos que conforman la historia de la Educación Caririense concatenada con la religiosidad de ese lugar. Finalmente, consideramos la relación entre los modelos educativos propagados en la modernidad y ubicados en ese territorio, la violencia de género y las prácticas que se centran en la santificación de lo femenino en los tiempos contemporáneos. Históricamente, el territorio elabora un culto a las mujeres asesinadas por maridos, construyendo con la violencia de una relación metafísica femenina.

Palabra-llave: Educación. Género. Sanctidad.

Introdução

Questões variadas guardam conexões com o intenso debate em torno do gênero, debate esse que se erigiu desde o século XX. Não há que se falar de mulher de modo desconexo da produção teórica em torno da categoria gênero. Compreendemos que a produção de sociabilidades assimétricas no patriarcado tem origem na complexa relação com o feminino.

Comumente difundido a partir de representações que minimizam a atuação social do feminino, construiu-se, historicamente, uma gama de significados acerca de características que seriam naturalizadas quando relacionadas àquele gênero (BOURDIEU, 2014). Numa perspectiva dicotômica entre o masculino e o feminino, seriam responsáveis pela assunção de papéis contrários e concorrentes entre si.

Dessa forma, as compreensões em torno de questões como sensibilidade e razão, recato e exposição, privado e público se constituem como elementos tidos para o feminino e para o masculino, respectivamente, em um jogo discursivo nos quais se aproximam ou se distanciam dos sujeitos, conforme os interesses sociais e padrões tidos como legítimos. Por outro lado, devemos estabelecer um ponto teórico relevante, o poder, que se estabelece na definição de funções sociais tendo como recorte o gênero e se constitui como correlação de forças, não se concretizando numa pessoa ou entidade, mas perpassa todas as instâncias sociais. Assim, a produção da sociabilidade se elabora no frenesi cotidiano e no imbricado tecido social.

A despeito da intensidade dos movimentos sociais em torno da luta por igualdade de gênero, não se aplacou de forma significativa a violência histórica que se mantém, ainda forte, contra o feminino, de modo que não apenas as pessoas cisgêneros femininas sejam as vítimas das agressões, mas todo indivíduo que se aproxima das características socialmente pactuadas como femininas. Dessa forma, podemos citar a manutenção e escalada da violência contra sujeitas transexuais e travestis. A Violência é um elemento que denuncia os valores que constituem as representações sociais e os papéis dos indivíduos em sociedade.

Nessa comunicação, tratamos das representações sociais tendo como recorte o gênero em face da perspectiva educacional. Enfocamos, de modo particular, a relação

entre a constituição dos cenários educacionais e a elaboração de práticas discursivas em torno da função de gênero amplamente disseminada na modernidade. Na primeira seção expomos a atualidade da violência contra o feminino na região do Cariri cearense. Seguimos ressaltando os aspectos educacionais que compõem a História da Educação caririense de modo concatenado à religiosidade daquele lugar, e estabelecemos, por fim, considerações acerca da relação entre os modelos educacionais propagados na modernidade e localizados naquele território, a violência de gênero e as práticas que se voltam para a santificação do feminino na contemporaneidade. A abordagem qualitativa se ancora na produção teórica concernente ao campo da História Cultural e o percurso metodológico se volta para fontes documentais. Não parece coincidência que a região do Cariri cearense mate e santifique suas mulheres em igual medida. Historicamente, o território elabora um culto às mulheres assassinadas por seus companheiros, construindo com a violência do feminino uma relação metafísica.

Aspectos atuais da violência contra mulher na região do Cariri cearense e a presença da santidade feminina

Ao relacionar violência, gênero e educação, buscamos problematizar as possíveis relações entre essas três categorias. De modo específico, a História da Educação pode oferecer reflexões importantes para um estudo sobre os instrumentos de constituição da cultura, seja através da escola, da imprensa ou, até mesmo, da religião enquanto elemento propagador de práticas educacionais e normas morais. Para Miguel e Biroli (2014), os costumes são determinantes no modo como os indivíduos se relacionam, assim, importamo-nos refletir acerca da construção desses sentidos e representações desses sujeitos.

Para Hirigoyen (2006), apesar das estatísticas apresentarem a violência na vida conjugal atacando casais heterossexuais e homossexuais, em 98% dos casos recenseados o autor da violência se identifica com o gênero masculino. Para a estudiosa, esse dado está relacionado com a estrutura de dominação masculina que orienta a sociedade e que exerce domínio sobre o feminino historicamente.

O Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), mantido pela Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS), tem por objetivo realizar a vigilância epidemiológica nacional e capta a causa mortis em todas as instâncias do sistema de saúde através das Declarações de Óbito. Com base nos dados do SIM, o Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015) observou que entre 1980 e 2013 houve um aumento relevante no número de mulheres vítimas de homicídio: em 33 anos foram 106.093 assassinadas, isso significa que pelo menos 8 mulheres foram mortas por dia nesse período.

Segundo o documento, “Efetivamente, o número de vítimas passou de 1.353 mulheres em 1980, para 4.762 em 2013, um aumento de 252%. A taxa, que em 1980 era de 2, 3 vítimas por 100 mil, passa para 4,8 em 2013, um aumento de 111,1%” (WAISELFISZ, 2015, p. 11). Esse dado macro pode ser melhor refinado quando o relacionamos com o meio utilizado no crime ou o local da ocorrência. Dessa forma, fica mais explícito uma real alavancada da violência contra os indivíduos de forma geral, com um maior número de homicídios masculinos do que femininos, contudo, as causas são totalmente desvinculadas à condição masculina. As mulheres são geralmente vítimas de pessoas próximas, com as quais mantem vínculos de afeto e as agressões ocorrem, muitas vezes, no espaço doméstico.

Ao mesmo tempo em que podemos observar o domicílio como um espaço de perigo para o feminino, os meios utilizados para agredir fisicamente as mulheres destoam daqueles utilizados em situações de violência das quais os homens são vítimas. Em 73,2% dos homicídios masculinos há a utilização de arma de fogo, já nos assassinatos contra o feminino a incidência maior é de estrangulamentos e uso de objetos cortantes (51,2%), o que indica maior presença de crimes de ódio ou por motivos fúteis. O uso desses meios em crimes contra homens é de 26,8%.

A violência reincidente contra a mesma vítima é um dado exposto pela pesquisa de Waiselfisz (2015) e nos leva a refletir sobre a eficácia das políticas públicas e o discurso acerca dos papéis e funções de gênero. Daí considerarmos que é necessário perscrutar em várias frentes os modos de formação do discurso, os elementos de reelaboração e suas relações com os aspectos políticos, econômicos, sociais e históricos de cada comunidade, a fim de compreender o modo como as representações se elaboram,

consolidam e interferem na dinâmica da sociedade dentro de uma complexa correlação de forças³.

O Patriarcado (SAFFIOTTI, 2004) e/ou a dominação masculina (FROTA, 2008) estão cada vez mais vivos e apresentando os seus sinais de destruição física de sujeitos ainda representados socialmente em papéis de submissão, como é o caso do feminino, gênero ao qual nos dedicamos nesse trabalho.

A despeito da existência da lei de caráter penal que tem o poder punitivo e não preventivo, faz-se necessário observar os elementos de representação do gênero que pauta e ao mesmo tempo é pautada nos espaços de formação do indivíduo, incluída aí o que denominamos nesse estudo de educação.

A ampliação da norma se dá, basicamente, no campo do Sistema da Justiça Criminal, carecendo um trabalho de rede com outros espaços institucionais, como, por exemplo, a escola, a igreja e a imprensa. Segundo Parker (1991), a masculinidade é cultivada desde a infância através de um processo complexo que cria significados e representações, entre elas aqueles que fazem referência à valentia, coragem, agressividade e virilidade, valores que quando constituídos de forma desconectada da relação de gênero viabiliza a ideia de superioridade de um sujeito sobre o outro em razão do gênero. Diante disso, é necessário compreender a formação de tais representações com fins de subsidiar políticas e ações que visem ao enfrentamento da violência tendo como mote a questão de gênero.

Na ausência de políticas públicas adequadas, não é incomum que as populações busquem alternativas para solucionarem os seus problemas e darem vazão às ausências cotidianas em outros espaços alternativos ao Estado. Nesse sentido, o apoio de familiares, oferecendo guarida a essas mulheres vítimas de violência, é comum, conforme aponta Lettiere e Nakano (2011). Além disso, tem-se a busca do sagrado como via de solução para o problema da violência e dos conflitos familiares.

A imprensa costuma noticiar acerca dos casos de violência e, geralmente, apontam dados quantitativos a esse respeito. Em reportagem do Diário do Nordeste de 05 de

³Termo emprestado por Foucault (2014) a fim de que pudéssemos melhor compreender o modo como a sociedade cria, consolida e propaga discursos numa lógica onde o poder não emana de uma instância única.

fevereiro de 2014, consta que 97 mulheres foram agredidas no Ceará nas quatro primeiras semanas daquele ano, considerando os meios de registro formal das agressões nesse caso o balanço de ocorrências de doenças de notificação compulsória na Secretaria da Saúde do Ceará. No período foram quase 4 mulheres agredidas por dia no Ceará. A Cidade de Sobral, localizada no Norte do Estado, é responsável por quase metade dos casos de violência doméstica, foram 46 casos de agressões. Em Barbalha, Sul do Ceará, foram 14 casos⁴.

Ao abordamos o espaço ocupado pela academia ao discutir essa questão, trazemos como exemplo a Universidade Regional do Cariri (URCA), que, por sua vez, através do Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC) reúne, entre outras fontes, documentos judiciais e jornalísticos relativos a crimes sexuais e homicídios tendo como vítima mulheres do Cariri na primeira metade do século XX. A apreciação desse acervo nos leva a observar um sentido atemporal do embate de Gênero e da violência que emerge desse conflito.

A documentação histórica presente no CEDOCC vai ao encontro de uma produção midiática em torno da violência contra o feminino veiculada de forma maciça no início deste século, especialmente devido a uma onda de assassinatos de mulheres ocorridos entre 2001 e 2003. Tais eventos ganharam repercussão nacional diante dos números e dos envolvidos nos crimes. No que tange à documentação de cunho oficial, os crimes cometidos no bojo desse contexto foram, ainda, por exemplo, objeto de observação e relatoria do Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana, órgão vinculado à Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Naquela ocasião, foi criada a comissão especial com fins de obter maiores informações acerca dos procedimentos e processos administrativos e judiciais em curso acerca dos crimes.

O relatório produzido pela comissão apresenta informações referentes à situação dos processos e, ao mesmo tempo, serve de fonte para refletirmos sobre as representações de gênero presentes no discurso dos que têm as suas falas explicitadas no texto. No relatório são apontadas as seguintes situações: a morosidade da justiça na condução processual; o gênero como elemento representativo de justificação dos crimes; a pressão sofrida pelos familiares advinda de membros do poder público;

⁴ Dados divulgados pela mídia local e replicados em nível nacional através do site do G1 (CEARÁ..., 2017).

represálias a membros das instituições envolvidas nas investigações dos crimes; além de uso do poder econômico e tráfico de influência dos envolvidos.

A região do Cariri, como lugar de contradição, é um elemento pulsante na vida social, ora retratada como espaço de desenvolvimento, lugar que recepciona universidades, ora como espaço de fanatismo e religiosidade popular. Tradição e modernidade são signos que estão presentes na produção discursiva local. O gênero gravita, até mesmo, em torno dessas categorias.

Um olhar sobre a relação entre a educação do feminino e a religiosidade no Cariri

A região do Cariri cearense vivenciou, desde algum tempo, uma relação mítica com suas mulheres, a despeito do patriarcado e conseqüente submissão a que muitas mulheres foram submetidas. Movimentos de tática (CERTEAU, 1994) surgiram de forma interessante nesse lugar e ganha a atenção de muitos pesquisadores.

O feminino submisso, por um lado, dá lugar ao feminino sagrado, permeado de nuances muito variáveis e barreiras muito tênues, já que a santidade das mulheres caririenses esteve comumente relacionada à figura do masculino que acolhe, que orienta e comanda, e ainda imbricada nos valores do sacrifício, na presença da dor física e da penitencia do corpo e da alma. Por outro lado, relaciona-se com a ideia de um feminino transcendente, vitorioso diante do mundo e influente nos assuntos do sagrado.

Para nos dedicarmos a esse espaço feminino entre educação e santidade, vale um recuo temporal para nos determos à participação dos leigos na empresa missionária cristã, tendo em vista a atuação dos sujeitos na propagação da fé cristã, ainda que não ligados diretamente à instância clerical da Igreja Católica. A dedicação dos leigos à Igreja Católica de Roma passa por um processo de institucionalização a partir do século XI através da Reforma Gregoriana. Esse movimento interferiu nos modelos de participação do laicato, com fins de regularizar a vida coletiva da cristandade, fomentando, durante o medievo, o surgimento de irmandades, confrarias e beatérios sob a supervisão eclesial.

O movimento de mulheres em busca de uma vida alternativa à realidade do lar se apresenta representada através da figura das beguinhas no medievo. Em um jogo entre

estratégias e táticas, o feminino se alinha a um conjunto de valores inerentes ao modelo social vigente e encontra brechas para a atuação em um espaço público alternativo ao privado.

Essa realidade se aproxima, ainda, de outras perspectivas femininas de inserção na vida religiosa dominada pelo masculino. Os séculos XII e XIII viu florescer na Europa uma movimentação feminina em torno dessa experiência mística, que sob nosso olhar se amplia como mecanismo de superar contextos profundamente marcados pela dominação masculina. A despeito das orientações que, forçosamente, impunham-se às comunidades de mulheres que acolhiam a experiência religiosa, era no espaço do convento e da vida em comunidade que poderia existir, também, táticas para fazer frente às estratégias de dominação. Obviamente, não supomos um movimento determinístico, pelo contrário, consideramos que a retroalimentação entre estratégias e táticas se faz no campo da experiência.

A devoção exercida no âmbito familiar quer ocorresse nas casas abastadas, quer se desse nos lares mais simples, abriu caminho para a instituição de grupos leigos que ao professarem a devoção a um santo particular e partilharem dos mesmos valores morais, interferiam nos rumos da religiosidade colonial. A beatitude ora incentivada, ora combatida pelos Tribunais na Inquisição, ganharam no laicato convergência. As terras portuguesas na América tiveram o seu solo pisado por um sem-número de beatos originados nesse contexto peculiar de romanização da colônia (CHAHON, 2014).

Incentivo e combate são uma realidade que se formaliza ainda mais no século XIX através do Concílio Vaticano I, que tratou de elaborar normas que fortalecem a Igreja frente ao avanço do Racionalismo e do Estado Laico. Assim, ficou demarcada, de forma clara, a submissão do laicato ao clero. Esse contexto fez submergir os conflitos entre os saberes do povo, os desejos das mulheres, a ânsia do clero por controle e as narrativas místicas locais, considerando que no século XIX a reação ao catolicismo popular se faz na medida em que a romanização avança.

Estado e Igreja vivem entrelaçados numa teia de interesses, repulsas e aproximações. O Nordeste brasileiro foi lócus de uma aliança perene entre elite agrária e Igreja Católica. No Cariri cearense essa realidade também pode ser observada ao olharmos para o espaço do leigo na sociedade. Entender o lugar de beatas e beatos na

constituição do território caririense nos leva a compreensões sobre o lugar do feminino que hoje ainda se propaga.

As funções sociais são elementos da cultura, assim, a mulher beata, a mulher de fé, a mulher professora, a mulher mãe de família, a mulher trabalhadora, a mulher violentada, a mulher pecadora, são exemplos de representações do papel do gênero feminino que se constituíram em um relacionamento direto com os valores do catolicismo, que se deu a partir do conflito entre a igreja, que busca seguir as normas produzidas em Roma e as comunidades locais.

Os valores a que nos referimos são reforçados e propagados através de uma teia institucional bastante densa. Nela estão presentes a Igreja, a família, a escola, os poderes coercitivos do estado e a mídia, para citar alguns exemplos. A Educação congrega esses espaços de propagação de papéis e interlocução dos atores envolvidos. Em sentido estrito, observamos, em particular, a construção da figura da beata através da ação educacional no Cariri desenvolvida no que são chamadas de Casas de Caridade.

A beata, enquanto sujeito do feminino, diz-nos muito sobre a educação de mulheres no Cariri. Importa observar o contexto histórico no qual se insere. As Casas de Caridade compõem o conjunto de ações socioeducativas empreendidas por um missionário católico no século XIX, o Padre José Antônio Maria Ibiapina (BANDEIRA, 2014).

Entre as Casas criadas no Nordeste, no Cariri as primeiras iniciativas se deram, conforme aponta Bandeira (2014), na Vila de Missão Velha, inaugurada em 1865, e a segunda, em Barbalha, concluída sua construção em 1869. A *Voz da Religião do Cariry*, em sua edição 3 de 1868, por sua vez, aponta que, naquele ano, havia quatro Casas de Caridade e um colégio para meninos naquele território. Essas iniciativas compõem o conjunto de ações missionárias do Padre Ibiapina.

A Educação feminina foi vista pelo Padre Ibiapina como estratégia importante para minimização dos impactos da miséria. Através de suas ações percebemos que, para o Padre, o feminino aparece como agente, por excelência, de propagação de valores na família, os quais eram caros ao modelo de sociedade existente, e ainda dos saberes necessários ao desenvolvimento do trabalho, à higienização dos espaços e dos corpos

necessária ao combate de epidemias que assolavam a região no final do século XIX e que dialogavam com a uma ideia de modernidade à brasileira.

Padre Ibiapina chegou à vila de Barbalha na segunda metade do século XIX, período em que o território enfrentava epidemias, distúrbios sociais e secas seguidas de processos migratórios intensos. Entre as estratégias missionárias, estava a construção de poços, assistência aos desvalidos, combate às epidemias através de ações higienistas e educacionais (BANDEIRA, 2014).

O projeto missionário em curso não tinha por fim uma alteração da ordem política vigente, todavia, nutria a crença no trabalho e nos frutos dessa, aliados aos valores cristãos da caridade, oração e penitência como instrumentos essenciais para a paz social. As Casas de Caridade, enquanto espaço educacional, preparavam mulheres para o casamento, para o trabalho artesanal e a vida leiga religiosa. Conforme o caso, essas instituições ainda recebiam crianças órfãs para serem cuidadas.

As Casas de Caridade foram, até certo ponto, um marco histórico para a educação das moças do Cariri e o elemento de propagação de grupos religiosos identificados com um catolicismo penitencial. Nesse contexto, a construção de representações em torno das beatas, mulheres que, ao aderirem à vida de castidade e trabalho, marcaram a história do feminino naquele lugar. Suas histórias de resistências e aparente submissão permeiam as representações do Cariri como espaço de sacralidade.

A organização das Casas e seus objetivos vão ao encontro do projeto civilizador de nação e ao mesmo tempo guarda relação com as instâncias morais do catolicismo. Do ponto de vista da ciência, essa se desenvolve, também, rumo a uma normatização das condutas, considerando as necessidades educativas ao modelo social que visa se consolidar pautado na família burguesa, nos valores do trabalho, na divisão sexual de tarefas e no controle dos corpos. O processo civilizador do qual fala Elias (1993) pode ser localizado no interior do Nordeste através dos esforços higienistas e educacionais de Ibiapina.

Além disso, mais que um fim, a questão civilizadora se apresenta como um processo. Logo durante as primeiras décadas do século XX no Brasil podemos visualizar os esforços em criar esse estado civilizado.

O processo de civilização do Estado, a Constituição, a educação e, por conseguinte, os segmentos mais numerosos da população, a eliminação de tudo o que era ainda bárbaro ou irracional nas condições vigentes, fossem as penalidades legais, as restrições de classe à burguesia ou as barreiras que impediam o desenvolvimento do comércio – este processo civilizador devia seguir-se ao refinamento de maneiras e à pacificação interno do país pelos reis (ELIAS, 1993, p. 62).

Do ponto de vista do gênero, o feminino é tido como um risco à ordem civilizadora se não for devidamente educado. Considerando a potencialidade narcísica das mulheres, sustenta-se uma noção de mulher fálica, de uma sexualidade excessiva, logo perigosa aos objetivos dos civilizadores. Assim, não apenas a igreja se dedicará ao controle dos corpos femininos, mas, também, o Estado amparado agora pela ciência. As Casas de Caridade compõem um dispositivo de controle (FOUCAULT, 2000) que visa amoldar os sujeitos, e, para tanto, fiscaliza, disciplina e produz.

O desenvolvimento de habilidades das mulheres com o objetivo de desempenhar uma função social é notório quando observamos a dinâmica das Casas de Caridade. Ao mesmo tempo, não apenas a religião está preocupada com o espaço a ser ocupado pelo indivíduo social e economicamente, o Estado também se interessa pelo tema e com a religião contribui, ainda que em alguns momentos pareçam existir contradições profundas.

No final do século XIX e o começo do século XX, os valores do Positivismo se faz muito presentes na sociedade brasileira e no Cariri não seria diferente. Apesar dos embates e particularidades do catolicismo constituído nesse território, podemos refletir acerca da relação estreita entre Igreja e Estado com fins de higienizar a família, garantir a hegemonia econômica das elites e racionalizar a vida dos sujeitos, elaborando, definindo e propagando funções sociais. As mulheres que viviam nas Casas de Caridade do Cariri se ocupavam das tarefas do espírito, das prendas domésticas, mas, também, de atividades consideradas típicas do gênero masculino. São as mulheres as responsáveis pelo êxito da casa, contudo, em última instância, estão sob a direção e orientação do homem.

O feminino na região do Cariri era destinatário dos esforços educacionais, ao mesmo tempo em que protagonizava e construía através de sua experiência as representações de si. Há uma compartimentação dos destinatários das práticas

educacionais em sua essência: ler, escrever, bordar, costurar e práticas de higiene. As Casas de Caridade acodem órfãs pobres e a elas ensinam um ofício, primeiras letras e moral católica. Essas instituições foram centros de irradiação da educação feminina, nas quais as meninas órfãs aprendiam um ofício, conforme o que fosse considerado próprio para os padrões da época, além das virtudes necessárias ao feminino. Mas, não só as meninas pobres, já observamos através das fontes trazidas que havia a inserção de mulheres advindas de classes sociais abastadas, no entanto, essas com uma atuação mais relacionada com a administração da Casa.

No Nordeste brasileiro, a relação do estado com a religião se estabeleceu por ocasião da colonização, mas não se desfaz com a aparente laicidade do estado republicano. Assim, observamos Estado e Igreja colaborando entre si para a realização da obra educadora, como ocorreu com as obras de Padre Ibiapina no século XIX ou com o Pacto dos Coronéis, que envolve a figura do Padre Cícero no começo do século XX no Cariri cearense.

Tendo como apoio teórico a História Cultural, especialmente a categoria Representação (CHARTIER, 1990), observa-se que a par da educação moral moldada para o feminino e a construção de epistemologias que justificam os papéis de gênero, as mulheres avançaram transcendendo o espaço privado e se construindo representativamente como espaço do sagrado, ainda que sob a pressão dos poderes instituídos.

As mulheres Santas do Cariri – Um modelo propagado

O Cariri vivencia casos de violência e coleciona santas que foram violentadas em seus corpos e em sua dignidade. Os elementos de suas narrativas de vida, morte e santidade as aproximam. Para Queiroz (2011), há resistência na santificação das mulheres caririenses. Para nós, numa sociedade minada de contradições e carente de políticas públicas para o feminino com fins de aplacar o quadro de violência, a santidade é o ápice da Justiça Divina, já que a dos homens tem falhado de forma recorrente. Para ser santa no Cariri, alguns elementos se fazem necessários, antes de tudo o sofrimento.

Vida e morte de expiação é a condição para a Santidade, logo, viver em meio ao cenário de dor elege o feminino à possibilidade de divinização.

Através de revisão da literatura e pesquisa de campo, localizamos na região as histórias de nove mulheres cultuadas no âmbito do catolicismo: Benigna Cardoso da Silva (Santana do Cariri, 1941), Francisca Maria do Socorro (Milagres, 1943), Francisca Augusta da Silva (Aurora, 1958), Maria Caboré (Crato, 1920-30), Luzia Coelho (Barbalha, 1952), Cova da Nega (Crato, XIX), Rufina (Porteiras, XIX-XX) e Maria Filomena de Lacerda (1975). Crianças, como Benigna Cardoso da Silva, ou mulheres, como Maria Filomena de Lacerda; Negras, como a escrava sepultada à beira da estrada no século XIX, ou a esposa de um grande proprietário de terras, como Luzia Coelho, tem a morte violenta como signo que as aproximam da santidade como elemento de intercessão popular.

As imagens a seguir retratam um monumento erguido pelo poder público municipal de Milagres (CE), em 1986, com fins de marcar geograficamente o local onde ocorreu o assassinato da menina Francisca do Socorro, hoje Zona Urbana do município, à época local ermo. Francisca foi estuprada e morta quando buscava água para o consumo da família em um poço próximo de casa. O evento aconteceu em 1943 quando a jovem tinha treze anos. Desde então, a comunidade viu se organizar o culto em torno de Francisca e se multiplicarem as narrativas acerca de sua morte.

Figura 1 – Monumento a Francisca do Socorro – Milagres-CE



Fonte: Acervo da autora.

Figura 2 – Monumento a Francisca do Socorro – Milagres -CE



Fonte: Acervo da autora.

História similar ocorre com a jovem de treze anos, Benigna Cardoso da Silva, natural de Santana do Cariri. Foi assassinada naquela cidade em 1941, após uma tentativa de estupro frustrada. O assassino perseguia a adolescente e o caso era de conhecimento da comunidade. Numa ocasião em que a menina buscava água para abastecer a residência, foi atacada e morta.

Figura 3 – Cartaz da Romaria de Benigna, Santana do Cariri –CE, 2017.



Fonte: Benigna (2017).

As similitudes com o caso de Francisca do Socorro não são coincidências. O interior do Nordeste brasileiro é marcado pela violência, tendo o gênero como elemento

recorrente numa rede pautada pela tentativa de dominação masculina. Em um território marcado pela escassez de políticas públicas de acesso à água potável, o abastecimento de água para o consumo humano era, muitas das vezes, uma responsabilidade das mulheres jovens e crianças, que se expunham em lugares ermos em busca desse bem.

Após o crime, Benigna passou a ser cultuada como santa na localidade. Sua fama se espalhou pela região do Cariri e anualmente a Diocese de Crato é organizadora dos festejos em sua homenagem. Levando a alcunha de Heroína da Castidade, Benigna é apresentada como modelo cristão para o feminino.

Estado, Igreja e Família são instâncias que se relacionam e atuam de forma permanente na elaboração das práticas sociais em face da ritualização do sagrado quanto ao feminino na região do Cariri. Em relação ao culto de Milagres (CE) e de Santana do Cariri (CE), o reforço das práticas, a produção de significados e a propagação do discurso de santificação do feminino martirizado se dá de forma integrada entre essas três instâncias.

Muitas famílias veem nas mulheres martirizadas o elo com o Divino capaz de pôr fim aos problemas materiais que o Estado não tem eficiência para erradicar. As promessas e súplicas são comuns, especialmente no tocante às curas físicas, que são almejadas diante das patologias que acometem o corpo. Assim é que pais, mães, avós, entre outros parentes e amigos suplicam a intercessão das mártires caririenses e vão até os locais de peregrinação para ofertar ex-votos.

Historicamente, a violência é uma realidade local na região do Cariri cearense. Compreendemos que tal fenômeno está relacionado diretamente a uma composição de estratégias que estão relacionadas ao dispositivo de sexualidade explicado por Foucault (2012). Assim sendo, a educação tem relação umbilical com as representações de Gênero que moldam o cenário de violência e desigualdade a que os gêneros são expostos. O discurso de reforço da Santidade via expiação é tratada nos espaços comunitários através da Igreja, da imprensa, da escola e dos poderes públicos constituídos.

Uma educação do feminino perpassa instâncias variadas, domínios, para usar o termo de Foucault (2012). Para o filósofo, quatro conjuntos de estratégias ao longo do século XIX foram consolidadas como dispositivos de saber sobre o sexo e de forma direta ou indireta interferem nos papéis de gênero, são eles: a histerização do corpo da mulher,

a pedagogização do sexo da criança, a socialização das condutas de procriação e a psiquiatrização do prazer nervoso. Ao que nos parece, papéis de gênero, correlação de forças de um gênero sobre outro, estratégias e táticas para vivência em sociedade, tendo a normalização do gênero como uma premissa, leva-nos a querer compreender o cenário educativo do Cariri cearense que, em certa medida, mantém e propaga a desigualdade entre os gêneros e contextos de submissão do feminino.

Considerações Finais

Observamos que diante do modelo educacional erigido para o feminino e em meio ao cenário de mística e violência do Cariri, a santidade feminina aparece como representação de resistência aos poderes instituídos. A modernidade viu o seu projeto de desenvolvimento se desenrolar de forma retroalimentada pela organização familiar burguesa, com papéis familiares bem definidos, a partir dos quais o chefe de família e seus delegados tem a legitimidade da condução das atividades inerentes à esfera privada e, ainda, a sanção mediante as táticas que se suplantam às estratégias de elaboração dos papéis para os sujeitos, compreendidos aqui historicamente.

O conflito de gênero que se coloca na contemporaneidade não está dissociado dos valores para o feminino e o masculino construídos historicamente. Assim é que na região do Cariri cearense a diversidade de mulheres assassinadas, vítimas de violência conjugal, destinatárias de violência simbólica e ao mesmo tempo sujeito ativo nessa mesma violência, reúne um emaranhado de representações que se constituem através de instâncias educacionais, não apenas focalizando o espaço escola, mas, também, a Igreja, a Literatura, a mídia e os espaços de atuação do Estado fortalecendo o rito santificador.

As representações de Santidade que são construídas nos espaços da educação e da cultura consolidaram no Cariri cearense posições dicotômicas entre o masculino e o feminino, tendo a educação formal ou não formal caririense elaborado no século XX modelos de sociabilidade que contribuíram para a manutenção da violência de gênero em face da queda do papel dominante do homem no interior da família. Tal tese emerge

da análise da relação entre a santificação espontânea do feminino no Cariri cearense e os discursos educacionais e práticas sociais que elaboram representações do feminino.

Há, atualmente, naquele território vários movimentos religiosos e rituais de propagação da santidade feminina que tem em o seu núcleo histórias de mulheres vítimas de violência sexual ou doméstica, a exemplo dos casos a seguir: a menina Benigna (Santana do Cariri - 1941) que foi assassinada diante da recusa de manter relações sexuais com o agressor; Luzia Coelho (Barbalha - 1952), morta pelo enteado diante de um conflito familiar que eclode em meio às relações simétricas de poder e mando no interior da família tradicional; Francisca Augusta da Silva (Aurora, 1958), assassinada pelo ex-noivo depois de a mesma ter rompido com a promessa de casamento; Francisca Maria do Socorro (Milagres, 1943), morta após uma tentativa de estupro quando buscava água em uma fonte de água nas proximidades de sua residência; Rufina (Porteiras, XIX-XX), violentada, assassinada e esquartejada em face da suspeita de adultério com um rico senhor de engenho, pela esposa traída; Maria Caboré (Crato, 1920-30), mulher tida como louca e que encontra santidade diante da dedicação aos doentes da cólera; e Maria Filomena de Lacerda (1975), assassinada pelo marido em companhia da amante.

Todas elas guardam em comum o padecimento que se coloca como condição primordial de Santidade na tradição cristã e na oralidade.

Assim é que as comunidades constroem elos com esses personagens históricos na via da transcendência. Estando o feminino circunscrito ao espaço privado da família, alcança através da morte a plenitude de sua ação no âmbito público, dialogando com o divino de forma direta e intermediando a relação entre o céu e a terra. Na educação, amplamente compreendida, tem o feminino santificado um espaço de construção de práticas, apropriações e representações.

Referências

A VOZ da religião no cariry. *A dedicação das mulheres a casa de caridade*, Crato, Ceará, v. 3, 1868.

BANDEIRA, A. As beatas de Ibiapina: relações de gênero na administração das casas de caridade do padre Ibiapina (Sertão-Norte Do Brasil, 1860-1883) // ENCONTRO DA REDE FEMINISTA NORTE E NORDESTE DE ESTUDOS E PESQUISA SOBRE A MULHER E

RELAÇÕES DE GÊNERO-REDOR, 18., 2014, Paraíba. *Anais [...]*. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2014. p. 3543- 3560.

BENIGNA. Santana do Cariri - 24 de Outubro de 2017 - Romaria da Serva de Deus Benigna Cardoso Da Silva!. *[Blog] Jovem Benigna*, [S. l.], 9 set. 2017. Disponível em: <http://jovembenigna.blogspot.com/>. Acesso em: ago. 2019.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Rio de Janeiro: Edições Best Bolso, 2014.

CEARÁ registra média de 3,5 casos de violência doméstica por dia em janeiro. *G1 CE*, Ceará, 5 fev. 2017. Disponível em: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2017/02/ceara-registra-media-de-35-casos-de-violencia-domestica-por-dia-em-janeiro.html>. Acesso em: ago. 2019.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1, artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHAHON, S. Visões da religiosidade católica no Brasil Colonial. *Revista Digital Simonsen*, Rio de Janeiro, n. 1, dez. 2014. Disponível em: http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Simonsen_N1_Sergio-Chahon.pdf. Acesso em: ago. 2019.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Difel, 1990.

ELIAS, N. *O processo civilizador: formação do estado e civilização*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 2.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. São Paulo: Graal, 2000.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

FROTA, M. H. P. (org). *Assassinato de mulheres no Ceará*. Fortaleza: Edmeta Editora: Ed. UECE, 2008.

HIRIGOYEN, M. F. *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

LETTIERE , Angelina; NAKANO, Ana Márcia Spanó. *Violência doméstica: as possibilidades e os limites de enfrentamento*. Revista Latino-Americana de Enfermagem. vol.19, no.6, 19(6):[08 telas], Ribeirão Preto Nov./Dec. 2011.

MIGUEL, L. F.; BIROLI, F. *Feminismo e política: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 2014.

PARKER, R. G. *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Best-Seller: Abril Cultural, 1991.

QUEIROZ, Z. F. *Redes de combate à violência praticada contra as mulheres no Cariri cearense*. Crato: URCA, 2011. Relatório de Extensão.

SAFFIOTTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

WAISELFISZ, J. J. *Mapa da violência 2015 homicídio de mulheres no Brasil*. Brasília: OPAS/OMS: ONU Mulheres: SPM e Flacso, 2015. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/04/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: mar. 2019.

Recebido em: 18/04/2019
Aceite em: 16/09/2019